

AVENTURA
AVENTURA

À beira do precipício

A aventura de Negrete e Raineri, do paredão de escalada esportiva da Unicamp ao cume do Aconcágua, maior monte da América Latina

JOÃO MAURÍCIO DA ROSA

jmauricio@reitoria.unicamp.br

Dois horas da madrugada do Ano Novo. Os alpinistas Vitor Negrete e Rodrigo Raineri estão acampados em uma plataforma de gelo a 6.700 metros de altitude, na face sul do Aconcágua, seu caminho mais íngreme e nunca vencido por desafiantes brasileiros – bem diferente da subida tradicional, quase semelhante a uma caminhada. Faltam aproximadamente 250 metros para concluir a escalada vitoriosa da maior montanha do mundo fora da cordilheira do Himalaia.

Mas, naquela madrugada, persiste a forte nevasca que os castiga desde as três da tarde e os dois homens vão sendo empurrados para fora do platô que haviam cavado a duras penas, até ficarem pendurados às cordas pelos cintos, encharcados, à beira de um precipício. Nesta posição eles terão que se manter até as 7 horas da manhã, esperando o dia clarear para retomar a subida. Eram os piores momentos que os alpinistas teriam de superar, numa jornada de sete dias que acabou vencida em 2 de janeiro último.

Enquanto estavam pendurados, Vitor e Rodrigo não puderam deixar de se recordar dos três conterrâneos derrotados pela montanha numa das maiores tragédias do Aconcágua. Em fevereiro de 1998, Mozart Catão, de 35 anos, um dos dois brasileiros a vencer os 8.848 metros do Everest (o outro foi Waldemar Niclevicz), Alexandre Oliveira, 24 anos, e Othon Leonardo, de 23 anos, encontravam-se a 700 metros do pico quando foram surpreendidos por uma avalanche.

Mozart despencou em um abismo. Seus dois colegas morreram congelados, atados às cordas, um pouco abaixo do ponto onde Vitor e Rodrigo ficaram suspensos durante a noite. A passagem pelos cadáveres dos colegas é relatada com cautela por Vitor. “A gente evita comentar como estão os corpos, em respeito a eles e aos familiares. Não queremos que se criem fantasias, pois por mais que a gente fale uma coisa, as pessoas podem entender outra. Então é melhor não falar muito”, justifica.

A 6.200 metros de uma parede praticamente vertical, e constantemente sujeita a avalanches, os corpos dificilmente poderão ser resgatados. “Como eu acredito em almas, acho que as deles estão em outro lugar. Ali ficaram apenas corpos”, conforma-se Rodrigo, que pretende falar com os familiares das vítimas, caso eles o procurem.

Patrocínio – A tragédia, se não reduziu o ânimo dos novos desafiadores da montanha, inibiu os patrocinadores. Os três alpinistas mortos eram custeados por uma grande distribuidora de combustíveis, que acabou descartando este esporte de sua cota de investimentos publicitários. Vitor e Rodrigo, que até então não buscaram patrocínio, vêm bancando do próprio bolso suas aventuras, mas ainda confiam em obter apoio para escalar o Everest. “O montanhismo não é mais perigoso do que outros esportes, se praticado com todos os critérios de segurança. Em 98 aconteceu uma fatalidade. Eles pegaram 14 dias de tempestade, não tiveram acesso à previsão do tempo”, contemporiza Rodrigo.

A chegada ao pico do Aconcágua foi acompanhada por uma equipe da *TV Globo* e



O paredão de escalada da FEF, construído a pedido de Raineri e Negrete; no destaque, ambos (de boné) são recebidos por Suplicy e o reitor Hermano Tavares

Foto: Neldo Cantanti



Foto: Antoninho Perri

Tudo começou num paredão da Unicamp

Em 10 de janeiro, os alpinistas brasileiros que venceram o Aconcágua foram recebidos como heróis pela Prefeitura de Campinas e pela Reitoria da Unicamp, universidade onde Rodrigo se formou em engenharia de alimentos e hoje atua como pesquisador, e onde Vitor se graduou em engenharia da computação e é candidato ao mestrado na área de qualidade.

Presente à cerimônia, o senador Eduardo Suplicy – que estava no campus convidado para outra homenagem, ao prefeito Antônio da Costa Santos, assassinado em setembro passado – quis saber se a Unicamp também havia ensinado alpinismo aos dois campeões. O senador quis apenas ser espirituoso, mas espantou-se com a resposta: “Sim”. Vitor e Rodrigo, se não aprenderam o esporte na Universidade, foram os principais responsáveis por sua introdução no campus. Por iniciativa deles, a Faculdade de Educação Física (FEF) possui hoje o seu paredão de oito metros de altura para a prática de escalada esportiva, atividade que vem proliferando entre os amantes de esportes radicais desde a segunda metade da década de 90.

A trajetória de Vitor Negrete e Rodrigo Raineri começou em 1988,

com uma série de viagens de aventura que deu origem ao Grupo Gaia. Vitor, acompanhado por outros dois colegas, chegou a percorrer 2.400 quilômetros da Rodovia Transamazônica pedalando uma bicicleta, entre dezembro de 1992 e fevereiro de 1993.

Quando teve início a construção do prédio da FEF, eles coletaram nomes para um abaixo-assinado pedindo a instalação do paredão. “Logo fundamos o GEEU (Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp), até hoje em atividade”, conta Vitor. A escalada esportiva pode despertar as pessoas para o alpinismo, mas está longe de dar-lhes preparo para tal aventura. “A parede é legal, mas essa atividade é restrita, controlada. Não rolam pedras, não aparecem abelhas, não chove, não caem raios”, compara o alpinista.

Para escalar montanhas, explica Vitor, é preciso treinamento em primeiros socorros, conhecimento de técnicas para galgar gelo e rocha, e efetuar resgates, além de uma série de outros cursos e experiências. “Só escalar em parede e depois tentar subir montanha, pode ser fatal. É comum ver gente que se mete em enrascada por se achar capaz de subir em qualquer lugar. Não é por aí”, alerta.

guardas florestais, provas testemunhais da façanha. Tão logo o dia clareou depois da nevasca da madrugada, a dupla recuperou a plataforma e iniciou a preparação para a última etapa da viagem. Tais empreitadas começam com a satisfação das necessidades fisiológicas, em um buraco cavado no gelo em horas mais quentes do dia (em torno de 5 a 12 graus negativos).

Tempestades – Os treinamentos para vencer o Aconcágua começaram quase dois anos antes. Após um ano de treinamento físico e técnico, em fevereiro de 2001, realizaram uma escalada de reconhecimento que terminou depois de dois terços do percurso pela face Sul, aberta em 1974. “A gente estava com muito peso. Havia possibilidade de êxito mesmo naquele treino, mas em caso de fracasso seria fatal. Então resolvemos voltar”, lembra Rodrigo. Para a derradeira e vitoriosa jornada, eles partiram de Campinas em 12 de dezembro de 2001, rumo a Mendonça, na Argentina. De lá seguiram para Puente del Inca, porta de entrada do Parque

Provincial do Aconcágua. O acampamento-base da parede sul chama-se Plaza Francia, ou Praça França, onde eles permaneceram até 27 de dezembro.

A meta era atingir o cume em cinco dias, ou seja, comemorar a vitória no último dia do ano. “Mas tivemos que enfrentar muitas tempestades e caminhar com as pernas atoladas até as coxas. Se a neve estivesse mais dura, teria sido bem mais rápido”.

Mas não são apenas a densidade da neve, pedras soltas e avalanches que dificultam a escalada de uma montanha daquele tamanho. Os alpinistas ainda enfrentam descargas causadas por eletricidade estática, um efeito do atrito do vento com as roupas, e gretas. Estas últimas são as mais perigosas, pois consistem em verdadeiros abismos ocultos, quase à superfície da glaciária e que podem se romper engolindo o alpinista. Os obstáculos foram vencidos às 20h15 de 2 de janeiro, relembra Vitor: “A comemoração foi rápida. O tempo começava a mudar e tivemos que nos limitar a um abraço e alguns gritos”.